

O BALOEIRO LOURENÇO MATA CÃO AOS TAPAS

A Drª Mariana era defensora pública há vários anos muito respeitada no Fórum. Ela sinceramente acreditava na justiça e que todos eram iguais perante as leis e mereciam, caso preciso, um tratamento equânime.

O Lourenço teve sorte em ter uma cunhada assim.

Ele, um torcedor fanático do América, não importando que o time esteja numa divisão inferior, estava sempre presente nos jogos de seu clube. Fazia parte de pequena mas atuante torcida organizada, empunhando bandeiras e cantando jargões da apoio.

Além de torcer pelo América, era mais do que tudo construtor de balões, um mestre baloeiro. Seu talento vazara as fronteiras do Estado e as fotos e filmes de seus balões corriam pelo país. Cada lançamento de um de seus artefatos era um evento concorridíssimo. Embora soltar balões fosse ilegal sua confecção era uma arte. Lourenço recebia encomendas dos mais variados lugares e isto lhe rendia um bom dinheiro, os construindo e soltando, visto que para mandar aos céus com sucesso uma obra daquelas exigia talento e competência.

Toda esta atividade exigia um perfeito planejamento. Não podia haver a presença da polícia e para tanto os locais de soltura eram mantidos em segredo. Vendiam-se ingressos caríssimos para assistir os lançamentos. O balão era inflado com ar quente pouco antes que acendessem as buchas nas bocas. Os espectadores eram avisados a se reunirem antecipadamente em alguns pontos próximos do local de lançamento e ficavam sabendo o local exato minutos antes do lançamento, quando o balão já estava inflado ganhando pressão para subir. Minutos depois ascendia majestoso pelos céus, disparado rojões atrelados a ele. Eram em geral balões comemorativos para datas especiais: aniversários, homenagem a santos, clubes de futebol, casamentos, batizados e até funerais.

Numa data houve a encomenda de um balão comemorativo de grandes dimensões, perto de 5m de altura mais de 30 gomos.. A notícia se espalhou e havia grande expectativa sobre tal peça. Foram dois meses de montagem do balão e finalmente chegou a data de lançamento, no entardecer; num terreno baldio na Tijuca. Era um local ermo do bairro, por isso a multidão que havia na rua defronte ao terreno chamava à atenção. Sob aplausos, foguetório e algazarra o balão cheio de lanternas subiu com força. Ele já ganhara boa altura quando a polícia chegou.

Houve um corre-corre das pessoas fugindo e sendo perseguidas pelos policiais e seus cães adestrados

Lourenço, às voltas para salvar seus equipamentos, não conseguiu fugir a tempo e foi acuado por um cão policial. Tentando se defender da fera que avançava, desferiu um potente soco na cabeça do cão, que ganiu, estrebuchou e morreu ali mesmo. Outros policiais vieram e prenderam o agressor.

Faram todos para a delegacia. Lourenço ligou para a cunhada e resumiu a situação. Minutos depois a Dr^a Mariana Salvador chegou à DP e procurou imediatamente o delegado.

Na sala do delegado reuniram-se por especial deferência do Dr. Ariosto, titular da repartição, à ilustre defensora pública, á qual ele sobejamente conhecia, o Lourença, já sem as algemas e um choroso policial responsável pelo “*Cometa*”, o cão assassinado a tapas:

- Eu criei este cão desde que nasceu. Era como se fosse da família. – Lamentava-se o policial.

Levou algum tempo para o Lourenço se desculpar com o policial, o delgado não fazer a ocorrência e a Dr^a Mariana dar um esporro no cunhado, já a caminho de casa:

- Isso é coisa que se faça, Lourenço¹ Matar o cãozinho do guarda?

- Ele me atacou, eu reagi sem pensar. Me defendi.

- Isto não é desculpa. Pelo menos não o autuaram por conta do balão

- Ah! Você não viu! Este balão foi uma obra prima!